



EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA, CIDADANIA E EMANCIPAÇÃO: FILOSOFANDO NA COZINHA DA ESCOLA

Santiago Pontes Freire Figueiredo¹

Resumo

O presente artigo apresenta o relato de experiência vivenciada em uma aula de filosofia em uma escola de ensino médio profissionalizante. À luz do pensamento de Theodor Adorno, partimos do pressuposto de que as adaptações feitas pela exigência do capitalismo no sistema de ensino, possibilitam aos alunos uma preparação também para o mercado de trabalho, recebendo o diploma de técnicos para atuarem em ambientes que, muitas vezes, suprimem a capacidade crítica de enxergar o mundo. Esta dificuldade ocorre pela supervalorização da técnica, em detrimento dos valores humanos, que são necessários, inclusive, para o aprimoramento da mesma. Para compreender estas contradições, os estudantes, mediados pelo professor de filosofia, problematizaram os conceitos de alienação, materialismo histórico e dialético, trabalho, luta de classes e mais-valia, desenvolvidos pelo filósofo Karl Marx. Além disso, realizarem uma entrevista com os funcionários terceirizados que atuam na cozinha da escola, com o intuito de desvelar a relação dos empregados com as suas respectivas funções. Tal interação proporcionou um exercício de empatia entre ambos, alunos e trabalhadores, gerando uma aprendizagem que ultrapassa os limites da sala de aula, sendo uma ferramenta a mais para a construção da autonomia, cidadania e emancipação dos jovens. Apresentamos aqui, portanto, o resultado desta experiência.

Palavras-chave: Filosofia; Técnica; Autonomia; Cidadania; Emancipação.

Abstract: EDUCATION FOR AUTONOMY, CITIZENSHIP AND EMANCIPATION: PHILOSOPHY IN THE SCHOOL KITCHEN

This article presents the report of an experience lived in a philosophy class in a professional high school. In the light of Theodor Adorno's thinking, we assume the adaptations made by the demand of capitalism in the education system enable students to prepare for the labor market as well, earning the diploma of technicians to work in environments that they often suppress the critical ability to see the world. This difficult occurs due to the overvaluation of the technique, to the detriment of the human values that are needed including the improvement of them. To understand these contradictions, the students, through their

¹ Professor de filosofia na Escola Estadual de Educação Profissional Guilherme Teles Gouveia, em Granja/Ce, desde 2013. Graduado em filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, com especialização em ensino de filosofia pela Faculdade Futura e mestrando no Programa Mestrado Profissional em ensino de filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

philosophy teacher, Problematized the concepts of alienation, historical and dialectical materialism, work, class struggle and surplus value, developed by the philosopher Karl Marx. In addition, conduct an interview with the out sourced employees who work in the kitchen, in order to unveil the relationship of employees with their respective functions. Such interaction provided an exercise of empathy between both students and workers, generating a learning, being an additional tool for building the autonomy, citizenship and emancipation of young people. We present here the result of this experiment.

Keywords: Philosophy; Technique; Autonomy; Citizenship; Emancipation.

RESUMEN: EDUCACIÓN PARA LA AUTONOMÍA, CIUDADANÍA Y EMANCIPACIÓN: FILOSOFÍA EN LA COCINA ESCOLAR

Este artículo presenta el informe de una experiencia vivida en una clase de filosofía en una escuela secundaria profesional. A la luz del pensamiento de Theodor Adorno, asumimos que las adaptaciones hechas por la demanda de capitalismo en el sistema educativo también permiten a los estudiantes prepararse para el mercado de trabajo, obteniendo el diploma de técnicos para trabajar en entornos que a menudo suprimen la crítica capacidad de ver el mundo. Esta dificultad ocurre debido a la sobrevaloración de la técnica, en detrimento de los valores humanos que incluso se necesitan para mejorarla. Para comprender estas contradicciones, los estudiantes, a través de su profesor de filosofía, problematizaron los conceptos de alienación, materialismo histórico y dialéctico, trabajo, lucha de clases y plusvalía, desarrollados por el filósofo Karl Marx. Además, realice una entrevista con los empleados subcontratados que trabajan en la cocina de la escuela, para desvelar la relación de los empleados con sus respectivas funciones. Dicha interacción proporcionó un ejercicio de empatía entre estudiantes y trabajadores, generando un aprendizaje que va más allá de los límites del aula, siendo una herramienta adicional para construir la autonomía, la ciudadanía y la emancipación de los jóvenes. Presentamos aquí, por lo tanto, el resultado de este experimento.

Palabras clave: Filosofía; Técnica; Autonomía; Ciudadanía; Emancipación.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia em nível médio tem sido nos últimos anos tema central das discussões que permeiam a nossa realidade. Provavelmente por conta da instabilidade político-ideológica que vivemos há tempos. A educação, por sua vez, tem sofrido mudanças que passam pela valorização do ensino técnico profissionalizante, como uma alternativa para os indivíduos. Porém, nota-se, de maneira geral, que a disciplina de filosofia, apesar da carga horária reduzida, supre uma carência de conteúdo que contribuiria para uma formação crítica, autônoma e cidadã dos alunos.

No primeiro capítulo abordaremos a relação conflituosa entre o que chamamos de mercado de trabalho e a educação. Conflituosa porque as duas possuem lógicas diferentes. No entanto, ao optar-se, ideologicamente, por uma oferta de cursos profissionalizantes, pretende-se reproduzir a lógica capitalista industrial. Para compreender o fenômeno bem como possíveis saídas, partiremos dos conceitos do filósofo alemão Theodor Adorno em sua *Educação e Emancipação*, na qual alerta para a preocupação de uma educação que prepare verdadeiramente os indivíduos, fugindo da semicultura e da padronização que permeia toda a nossa sociedade.

Ainda no primeiro capítulo destacaremos o papel do professor de filosofia no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, mas não só isso: na necessidade de se criar dentro e fora da sala de aula um ambiente em que o choque dialético de ideias possa existir, propiciando um espaço para o debate, para a percepção da realidade. Nesse sentido, a filosofia tem um papel fundamental, o de oferecer uma formação política, cidadã e crítica, sem prender-se ao que é estático. Sendo assim, busca-se a transformação da realidade proposta por Marx e não somente a compreensão passiva dela. Tal ideia é fundamental para a emancipação dos indivíduos que atuam no corpo escolar, principalmente quando se trata do contexto de uma oferta de ensino público.

No segundo capítulo relataremos uma experiência prática vivenciada na cozinha da escola, bem como

todo o processo que levou a este acontecimento. A aula se deu sob o aspecto da compreensão da luta de classes, materialismo histórico e dialético, mais-valia, trabalho e alienação, componentes presentes na grade curricular do Novo Ensino Médio, como conceitos afirmados pelo pensador alemão Karl Marx. A experiência da cozinha se justifica pelo fato de lá existirem trabalhadores que vivenciam todos os dias a rotina de uma função empregatícia. Através de uma entrevista puderam expor suas angústias, sonhos, objetivos, frustrações, ampliando para os estudantes os espaços e os atores do processo educativo.

Esperamos poder contribuir para evidenciar a efetividade do ensino de filosofia nas escolas de ensino médio, demonstrando a sua importância, especificamente, através de uma experiência exitosa em uma instituição de ensino técnico profissionalizante. Em tempos em que se discute a permanência ou não da filosofia nessa modalidade de ensino, entendemos a eficácia de uma área do saber que se propõe a levantar questões de suma importância para a humanidade, instigando os jovens a serem ativos, participativos, críticos, autônomos e verdadeiros cidadãos, conhecedores e reivindicadores dos seus direitos e praticantes assíduos dos seus deveres, quando estes implicarem em algo justo.

2. MERCADO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO CONTRADITÓRIA

A consolidação do capitalismo no mundo intensificou-se com uma maior veemência no século XX e se fortaleceu ainda mais com a versatilidade presente no século XXI. As demandas científicas e culturais subordinaram-se ao viés industrial e econômico. Este fenômeno, de maneira espantosa, porém, planejada, tomou conta dos hábitos humanos de maneira holística, atingindo inclusive a educação.

O modelo que privilegia a técnica se encontra presente em diversas formas e nomenclaturas. Todavia, enfrentamos, como nunca, dilemas individuais e sociais que problematizam ainda mais o papel da escola no mundo globalizado. Seria

possível pensar e fazer uma educação que pudesse fomentar criticamente valores para os estudantes, bem como promover a emancipação e a autonomia, além do desenvolvimento da cidadania?

A cada dia surgem mais e mais demandas para as instituições de ensino. Preparar para o mercado de trabalho tem sido uma das principais bandeiras levantadas nos últimos anos, estando presente, inclusive, em nossos documentos oficiais que regem as diretrizes da educação básica brasileira, como mostra o artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (9394/96) que estabelece as finalidades do ensino médio. Nos incisos II e III estabelece que: II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Para que isso aconteça é necessário não só mostrar aos jovens como se comportar em um ambiente formal de trabalho, incluindo aí desde a maneira de se vestir em uma entrevista de emprego, por exemplo, até como ensinar-lhes, de fato, um saber-fazer.

Com o aumento latente do desemprego, os cursos técnicos têm se tornado uma saída importante para aqueles que procuram obter uma renda em menor tempo. Geralmente, o curso possui a metade da duração de uma graduação, ou até menos, e está sendo oferecido cada vez mais integrado ao ensino médio, com um alto investimento dos governos federais e estaduais na construção de laboratórios, aquisição de tecnologias e contratação de pessoal especializado para as escolas.

Tal cenário se construiria de maneira ideal, atendendo a uma demanda social, se ao formar um especialista em nível médio-técnico, manipulador das novas tecnologias, não esquece-se de que existem valores humanos que devem ser evidenciados, injustiças que precisam ser enfrentadas e ainda aquelas lutas onde a resistência é a condição para evitá-las. Para Silva Filho (2015, p. 147) "A submissão do homem ao aparato tecnológico

faz a tecnologia justificar a escravidão do homem pelo homem, racionalizando-a". Marcuse, em sua obra *Eros e Civilização*, critica a dinâmica das especialidades oriundas de um culto ao trabalho oco, que atrofia o humano:

A alienação do trabalho está quase concluída. A mecânica da linha de montagem, a rotina do escritório, o ritual da compra e venda estão livres de qualquer relação com as potencialidades humanas. As relações de trabalho converteram-se, em grande parte, em relações entre pessoas como objetos permutáveis da administração científica e dos especialistas em eficiência. (1975, p. 100).

Neste cenário, não há como não haver um apelo a uma educação que conduza alunos e professores a tomarem decisões de encararem a própria educação como um motor de transformação da realidade. Um caminho para o aperfeiçoamento da democracia para que haja a superação da reificação da humanidade, cada vez é mais observável em nossas relações cotidianas.

Ao constatar as complexidades de uma sociedade subserviente da técnica e da economia, o filósofo alemão, Theodor Adorno, em sua obra *Educação e Emancipação*, aponta a complexidade do problema

A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar a situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquelas subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. (ADORNO, p. 42, 2011).

Como podemos ver no trecho acima, Adorno denuncia a falta de uma autonomia, consciência e tomada de atitude frente a uma situação que se apresenta como trágica no mundo capitalista. A ideia de uma padronização, uma robotização dos hábitos, costumes e pensamentos gera uma condição de conformismo, uma semiformação, péssima para a atividade democrática, pois, na realidade, se anulam. No cerne da questão, observamos a

semiformação como a formação não-total ou falha, que não reúne elementos humanos suficientes para preparar os indivíduos nos seus aspectos integrais.

Uma das soluções para “curar-nos” desta mazela seria como já citamos, investir (não só dinheiro, mas esforços) em uma educação que promovesse a liberdade a partir da ótica do real. Os estudantes estão cansados de estudar aquilo que não possui relação direta com o seu cotidiano, estão enfadados de não saber os “para quê” de determinados assuntos. Um ensino que se baseie na vivência e na realidade tem a chance de ser muito mais eficiente. Dentre as disciplinas do currículo escolar do ensino médio a filosofia ocupa lugar de destaque nessa árdua tarefa de ser a promotora do espírito crítico e cidadão nos educandos.

De acordo com o pensamento de Nobre Lopes e Silva Filho (2017, p. 118) observamos que: “Nesse aspecto, o ensino de filosofia se reveste do caráter radicalmente crítico-reflexivo. É essa a sua “espinha dorsal” que poderá contribuir significativamente para a superação da semiformação da qual fala Adorno”. Observamos, portanto, a importância do ensino de filosofia em nível médio e especificamente na modalidade concomitante ao curso técnico profissionalizante, gerando a oportunidade de se ter uma formação integral para os educandos.

2.1. Filosofia e ensino médio: problematizar para compreender

Nos últimos anos muito se tem discutido acerca do ensino de filosofia no ensino médio, talvez porque a própria presença desta disciplina, como componente curricular, tenha sido ameaçada por novas propostas para a educação. Seria a filosofia um entrave para que a aprendizagem de fato ocorra nos indivíduos? A resposta para esta pergunta encontra-se nas diversas manifestações filosóficas que surgiram ao longo da história e, diante delas, devemos deveras afirmar: a filosofia ocupa um importante papel dentro e fora dos sistemas de ensino.

O sucesso da filosofia no ensino médio, seja tecnológico ou não, perpassa muito pela atitude do professor. Este carrega a responsabilidade de

transformar potência em ato, em termos aristotélicos, extrair dos seus alunos capacidades que talvez nem mesmo eles soubessem ter, possibilitando um melhor exercício da autonomia, através de uma descoberta de si. Para que isto aconteça, porém, o professor de filosofia deve demonstrar também uma atitude crítica ante a sociedade, tal como descreve Guido (2000, p. 93)

O professor crítico é capaz de formar novas gerações, mais críticas do que as anteriores. Este é o caminho para a formação de uma nação cidadã. A contribuição da filosofia só terá lugar quando ela efetivamente ocupar o seu lugar na grade curricular. Tal atitude – quando tomada – virá romper com o conservadorismo da sociedade brasileira, que reluta em acreditar na importância do ensino passivo e nada crítico. A nossa sociedade, ao negligenciar os anseios de democratização do ensino, comporta-se como Medéia, que após matar os seus filhos chorou por não haver mais ninguém que a viesse assistir na velhice.

Passados alguns anos, hoje a filosofia já conquistou o seu lugar no currículo e isto já é uma realidade, não sabemos até quando, mas até o momento sim. A questão que nos evoca neste momento é como tornar o saber filosófico relevante para aqueles que estão inseridos no contexto do mundo contemporâneo. Especialmente aqueles cuja condição social não os permite luxos e abundâncias do capitalismo e, que por esses e outros motivos, acabam por submeterem-se ao ensino técnico, como alternativa quase imediata de obter uma formação e rapidamente, inserir-se no mercado de trabalho, supondo que este mercado possua vagas suficientes para absorvê-los. Sendo assim, a filosofia estaria encarregada também de desmistificar paradigmas construídos a partir do ponto de vista mercadológico. Martins (2000, p. 97) analisa que

O objetivo desse processo, que se almeja superador do senso comum, é de forjar uma nova consciência, crítica e consciente, para e pelos integrantes das classes subalternas. Para tanto, deve-se penetrar na vida desses que sobrevivem do seu trabalho e estimular o desenvolvimento das condições objetivas e subjetivas que favoreçam o fortalecimento do bom senso. Tal tarefa é realizada por intelectuais, que não são simples homens do saber, mas, além de homens particulares, organismos sociais (sindicatos, partidos, etc.), sujeitos capazes de “sentir-saberem”, pois são

“intelectuais orgânicos” às classes subalternas. É por isso que todo esse processo em busca de uma nova visão de mundo, crítica e consciente, constitui-se numa significativa tarefa teórico-prática.

Observamos, então, que a afirmação de Karl Marx (1988, p.163), nas Teses Contra Feuerbach, ganha sentido: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo, diferentemente cabe transformá-lo”. É necessário criar no ambiente das aulas de filosofia, especialmente, um espaço para o debate, mas também para a reformulação da realidade, começando por cada indivíduo em particular e crescendo passo a passo. Apesar de esta tarefa ser muito complexa e parecer até otimista demais, não podemos nos furtar da incrível tarefa de educar para o filosofar, tomando como exemplo as vivências de diferentes seres sociais que nos cercam diariamente.

As condições para o filosofar, em sala de aula, são muito limitadas, a começar pelo tempo de aula de cinquenta minutos, excetuando algumas raras escolas em que são destinadas duas aulas semanais para a filosofia. Muitos estudantes chegam no ensino médio com dificuldades de leitura, escrita e interpretação, dificultando ainda mais a leitura de textos filosóficos ou produções textuais. Não devemos esquecer também dos problemas sociais que maximizam ainda mais o desafio de aprender: a violência, o tráfico e o uso de drogas, instabilidade familiar, aumento do índice de depressão e suicídio, instabilidade política, ineficiência das políticas públicas vigentes, etc. Há ainda aqueles educandos, mais confortáveis em termos economicamente substanciais, que, apesar disso, não percebem na filosofia uma utilidade prática para suas vidas. Como agir diante desta situação?

Gallo e Kohan (2000, p. 193), ao se debruçarem sobre o papel da filosofia nas escolas, entendem que

Nascida da necessidade existencial de colocar perguntas, por incomodar-se com o status quo, a filosofia incomoda pela crítica que exerce. A pergunta é a chave da crítica, e o incômodo frente ao dado é o seu motor. Sendo pensamento desviante, que não se contenta com o dado, que não se satisfaz com a mera opinião, a experiência filosófica deve ser radical. O pensamento filosófico é aquele que busca

compreender o vivido em suas raízes, percebendo as inter-relações que se estabelecem e podendo agir sobre elas. É também o pensamento que, não satisfeito com o estado de coisas, age sobre elas produzindo conceitos críticos que são essencialmente transformadores. Assim, a filosofia parte de um incômodo existencial para tornar-se, ela mesma, um incômodo para a sociedade estabelecida.

Sendo assim, devemos buscar na juventude o sentimento de insatisfação pelo estado de coisas presente. Perceberemos que não será necessário ir muito longe para identificá-lo. O jovem pobre não se conforma em não ter o que comer, o que vestir e não poder usufruir dos bens proporcionados pelo capital. O rico, por outro lado, possui todos os bens citados anteriormente, mas apesar disso, não recebe o carinho e atenção necessária dos pais, quase desconhecidos, tornando-se um eterno carente. É importante destacar que toda regra possui as suas exceções. Os adolescentes carregam em si a marca do desconforto, demonstrada na forma que se vestem, nas músicas que ouvem e até no desprezo pela política. O que os diferencia da maioria dos adultos é a esperança, sendo possível encontrá-la no olhar de cada um dos estudantes ao se entrar numa sala de aula. Cabe à filosofia organizar e sistematizar a rebeldia, permitindo que a esperança continue viva dentro de cada um, paradoxalmente, construindo e desconstruindo caminhos, apontando também para tantos outros.

Para que a “conquista” filosófica aconteça em sala de aula é necessário que o professor tenha um leque vasto de experiências e vivências que possam colocar os alunos dentro deste universo. Os próprios livros didáticos já trazem muitas sugestões para aulas diferenciadas: letras de música, filmes, poemas e diversas atividades individuais e em grupo. Mesmo assim é importante extrapolar, criar e inventar, sendo este um exercício de empatia. Não pensemos, pois, ser fácil a vida de um educando do ensino médio em tempo integral, no caso dos técnicos profissionalizantes, que devem dar conta de uma quantidade exorbitante de disciplinas, trancafiados o dia todo em uma sala, além de permanecerem sentados em uma mesma posição, com a exigência de não se comportarem mal, não conversar, não ir ao banheiro sem permissão. Sem perder o rigor devido, a interação com os conceitos, a

produção textual e oral, a aula de filosofia, sempre que possível, pode fugir a estes padrões organizacionais, fazendo valer os seus objetivos.

Nobre Lopes e Silva Filho (2017, p.108), ao refletirem sobre o papel da educação na vida dos indivíduos sob o viés da teoria de Adorno, destacam que

Adorno defende a necessidade de se resgatar a humanização do homem, capacitando-o para o esclarecimento e para a reflexão crítica, a fim de compreender a sua existência e de libertá-lo das condições de opressão. Daí a sua crença numa educação como emancipação. Essa educação deve ter uma dimensão crítica, esclarecedora, proporcionando ao homem a sua condução para transformar a sociedade e para recuperar a subjetividade perdida no processo de dominação, resgatando, assim, o ser-digno do homem, o seu ser genérico.

É preciso que a filosofia tenha sentido no mundo real, trabalhando problemas reais que interferem diretamente na vida dos atores que compõe o corpo escolar. Adorno (2011, p.52), contudo, destaca um ponto importante desta significação, evitando a reprodução da lógica da educação mercadológica

Seria infantil esperar que qualquer um queira ou possa se tornar um filósofo profissional; é justamente esta a concepção em relação à qual tenho profundas desconfianças. Não queremos impor aos nossos estudantes a deformação profissional daqueles que automaticamente consideram sua própria área de atuação como sendo o centro do mundo. A filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica.

A sala de aula é em todo lugar. Podemos e devemos explorar mais os ambientes que nos cercam, para tornar a aprendizagem mais significativa, sem cair no senso comum. Partindo desse pressuposto, apresentaremos a seguir todo o caminho percorrido para preparação, execução e resultados de uma aula de filosofia em uma escola de nível médio técnico, onde foi possível apresentar aos alunos a realidade do mercado de trabalho de maneira viva, relacionando com os conteúdos presentes na grade curricular.

3. FILOSOFANDO NA COZINHA DE UMA ESCOLA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

A nova Base Comum Curricular do ensino médio, homologada em 2018, traz na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a exigência de que os alunos desenvolvam a competência de: “analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades (Brasil, 2018)”. Sendo assim, ao contemplar a temática em uma escola de oferta do ensino médio com curso técnico integrado, nas três turmas de terceiro ano, dividimos o planejamento da exposição do conteúdo em quatro aulas, aprofundando os conhecimentos nos conceitos produzidos por Karl Marx para compreender a dinâmica do mundo industrial pós-revolução.

Na primeira aula, fizemos uma apresentação do contexto histórico Europeu, focalizando nas consequências, positivas e negativas, da mudança trazida pela urbanização da vida social. Para isso, selecionamos e exibimos trechos do filme Tempos Modernos (1936), cujo diretor e ator principal é Charles Chaplin, onde fica claro, de maneira cômica e trágica, a realidade do trabalhador fabril já no século XX. Em seguida, de maneira oral, foram colocadas três questões para estimular o debate: O que é o trabalho? Por que temos que trabalhar? O que perdem os adultos com as horas dedicadas ao trabalho?

Ao longo dos debates, percebemos uma clara preocupação dos estudantes em relação a um futuro próximo. Apesar dos mesmos estarem inseridos em um curso profissionalizante, muitos deles não tem o desejo de seguir carreira naquela área, sendo a universidade o anseio quase que unânime. Porém, apesar de muito querer, observamos também o sentimento de angústia ocasionado pela dúvida de não saber qual carreira escolher e trilhar pelo resto da vida. Muitos dizem não serem bons em nada do que fazem, dificultando o processo de decisão. A maioria afirma não querer seguir a profissão dos pais, seja pelos baixos salários ou mesmo porque eles não conseguem dar a atenção necessária aos

filhos, gerando uma sensação de ausência e carência afetiva. Ao final da aula afirmamos que, na aula seguinte, conheceríamos um pensador que refletia sobre a dinâmica do trabalho na vida dos indivíduos.

Na segunda aula, fizemos uma exposição compactada da vida e obra de Karl Marx, observando pontos destacados no livro didático adotado pela escola: Fundamentos de Filosofia (2016), de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes. Após a leitura, cada turma foi dividida em dois grupos, de um lado a burguesia e do outro o proletariado. Cada grupo elegeu dois representantes que teriam três minutos para defenderem os seus interesses no mundo do trabalho. De maneira inesperada, para os alunos, pedimos que trocassem os papéis e, num exercício de retórica e por que não dizer empatia, tiveram que defender o que anteriormente condenavam.

Ao apontar o conceito de Materialismo Histórico e Dialético, Luta de Classes e Mais-Valia, notamos certa indignação e identificação de muitos educandos, mas também algumas discordâncias. Neste sentido, o mais importante não seria concordar ou discordar, mas despertar para o problema em questão, fortalecendo a aprendizagem e ganho da consciência crítica tão propagada nos documentos oficiais que regem a educação dos mesmos, além de que as referidas definições estão presentes na maioria das provas de acesso ao nível superior.

Antes de a terceira aula acontecer, procuramos os funcionários da cozinha da escola, que trabalham para uma empresa terceirizada prestadora de serviço. Perguntamos acerca da viabilidade de trazer os alunos para uma pequena entrevista. Eles afirmaram que poderia dar certo, mas que não deveria ser muito demorada, visto que o serviço para deixar as refeições prontas na hora obedecia a uma rigorosa rotina. Entregamos previamente as perguntas selecionadas para que os funcionários da cozinha refletissem, ao longo dos dias, e respondessem da melhor maneira. As perguntas consistiam em: “1 - Vocês estão no emprego que sempre quiseram?”; “2 - Quais são os maiores desafios enfrentados por vocês aqui?”; “3 - Se

pudessem melhorar algo aqui, o que seria?”; “4 - Consideram que o salário de vocês é suficiente para ter uma vida confortável?”; “5 - Quais conquistas tiveram através do trabalho?”; “6 - Ainda possuem objetivos a alcançar?”.

Na realização da terceira aula, preparamos previamente no refeitório, próximo a escola, um aparelho de projeção onde foi exibido um slide para reforçar os conteúdos trabalhados na aula anterior, de maneira bem objetiva. Em seguida, distribuimos tocas descartáveis para o cabelo, por uma questão de higiene. Espalhamos as perguntas entre os alunos e informamos que, caso desse tempo, poderiam fazer outras perguntas. Toda esta dinâmica causou um ar de espanto e admiração dos estudantes, sendo que muitos deles nunca haviam pensado ser possível haver naquele espaço uma aula de filosofia. Adentrando a cozinha, saudamos os funcionários e iniciamos a entrevista.

Um dos cozinheiros relatou que não tem o emprego que sempre sonhou, porém, se orgulha do que faz e ainda sonha em abrir um restaurante. Afirmou também que necessita se deslocar cerca de quarenta quilômetros diariamente para chegar ao seu emprego, e que não ganha auxílio transporte para realizar o trajeto. Outro rapaz, que cuida da limpeza e organização dos talheres, pratos e copos, nos disse que o maior desafio é deixar tudo pronto no horário correto, tendo que muitas vezes reduzir o próprio horário do almoço para dar conta do árduo trabalho. Quando chega em casa, sente muita dor nas costas, pois fica em pé o dia todo. Afirmou ainda que a cozinha poderia ser um pouquinho maior, considerando-a, atualmente, apertada para a realização do amplo serviço. Uma terceira funcionária afirmou que recebe um salário mínimo, o que, segundo ela, não é ruim, mas que poderia ser mais. Com bastante emoção falou que, com muito esforço e sacrifício conseguiu, junto com o marido, encaminhar o futuro de três filhos: uma filha professora de matemática, um agente penitenciário e outro que está cursando medicina. Perguntada se ela não pensa em parar de trabalhar já que os filhos são bem sucedidos, afirmou que metade do salário serve para sustentar o estudo do filho que cursa medicina, que os outros também ajudam, mas que

só vai parar de trabalhar, formalmente, quando se aposentar. Todos os funcionários foram muito aplaudidos pelos alunos ao fim das aulas, sendo que alguns até tiraram fotos para compartilhar nas redes sociais a experiência diferenciada vivida no cotidiano escolar.

Na quarta aula, última antes da prova, pedimos aos estudantes que fizessem verbalmente uma avaliação do encontro passado. Ressaltaram, em sua maioria, que não conheciam a história dos funcionários, pois com a rotina, acabam passando despercebido o que, segundo eles, não vai mais acontecer. Ficaram indignados com os baixos salários recebidos pelos funcionários e pela reponsabilidade que precisam ter e quantidade de trabalho executada diariamente. Alguns informaram ir ao núcleo gestor da escola para solicitar melhorias no ambiente da cozinha. Todavia, a história da funcionária com a belíssima educação que conseguiu dar aos filhos foi o que mais chamou a atenção, todo o exemplo de garra e superação.

Poderíamos aqui afirmar que os resultados das provas objetivas na semana seguinte foram excelentes, maravilhosos ou perfeitos, acertadamente foram ótimos em sua grande maioria, mais de noventa por cento, mas não é o que queremos destacar. Muitos alunos ainda possuem problemas de leitura, interpretação e escrita, e outros desafios, que atrapalham o seu bom desempenho. O que gostaríamos de frisar aqui é que a todos que participaram dessa “aula prática de filosofia marxista” certamente nunca mais se esquecerão dos conceitos e, principalmente, da experiência vivida. Uma disciplina que tem a capacidade de mexer com aquilo que vivemos, ganha uma importância que não pode ser comensurada.

Tais impressões confirmam a tese adorniana de uma educação para a emancipação, que proporciona não só os saberes técnicos de determinadas áreas, mas o conhecimento no sentido holístico, permitindo uma visão mais ampliada do mundo, otimizando ainda mais o exercício da cidadania e despertando para uma autonomia aguerrida, incomodada e inconformada com as injustiças sociais. Fazer uma aula nestes parâmetros exige do educador um

esforço muito grande, que nem sempre poderá ser empregado por razões diversas, incluindo a exorbitante quantidade de aulas que tem de dar conta. Contudo, assumir esse papel traz recompensas que ultrapassam os limites do tempo. A filosofia, assim descrita por Marx, assume o seu papel de transformadora da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma ampliação dos horizontes teóricos e práticos, no que se refere ao ensino da filosofia em nível médio-técnico. Observamos a grande capacidade de mudança social que esta disciplina possui apesar da sua pouca carga horária semanal, quando realizada com planejamento e uma didática pensada para os estudantes. Colocá-la em evidência se torna, assim, uma necessidade vital para que o combustível da esperança de um presente e futuro melhor possa continuar a existir.

Um processo educacional que não leva em conta as complexidades sociais está longe de unir teoria e prática. Não basta saber fazer, é necessário compreender todo o contexto, que vai além de entender o processo pelo qual as coisas são feitas. Por isso, cabe mais atenção aos efeitos e consequências do ensino técnico-profissionalizante, que possui mais investimento das políticas governamentais da educação, mas que ainda privilegia a instrumentalidade do saber. É necessário formar profissionais mais humanizados, que saibam executar tarefas específicas com excelência, mas que também sejam sujeitos protagonistas de uma consciência crítica capaz de esquivar-se das soluções prontas para a resolução de problemas sociais complexos.

Adorno nos auxilia no entendimento de que, não basta preocupar-nos com a construção de uma especialidade técnica, longe de ser um inimigo desta, porém, salienta a importância da educação como forma de emancipação humana. Assim sendo, seria necessária, inclusive, uma educação não somente dos estudantes, mas da família e dos professores. Sob uma perspectiva governamental, seria necessário educar, antes de tudo, aqueles que

elaboram as políticas públicas educacionais, pois algumas decisões tomadas parecem não serem germinadas, de fato, por quem tenha conhecimento de causa, se tratando do âmbito das escolas.

Atuar em parceria com os funcionários da cozinha de uma escola foi perceber que a filosofia está em todo lugar, a qualquer hora. Vivenciar os conceitos de Marx e perceber, na prática, todas as contradições do mundo do trabalho. Para filosofar é extremamente importante ter acesso aos outros meios, além dos textos e livros que são fundamentais para este aprendizado, tornando o processo de apreensão do conhecimento muito mais prazeroso.

Esperamos assim, ter alcançado nossos objetivos de demonstrar e apontar um caminho possível, dentre inúmeros, para o ensino da filosofia. Não pretendemos estabelecer um único modelo ou método que possa ser utilizado. Certamente, se tivéssemos mais recursos, poderíamos ter feito algo mais grandioso, como visitar uma fábrica, por exemplo. Porém, a simplicidade, neste caso, foi o que tivemos de mais valioso, afinal de contas, quando falamos em educação brasileira, a criatividade tem sido um elemento valioso para que os professores possam driblar as inúmeras dificuldades ao longo do caminho. Apesar de tudo, ainda acreditamos que a educação nos possa render bons frutos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB)**. Artigo 35 da Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SILVA FILHO, Adauto Lopes. **A transmutação da razão na sociedade tecnológica segundo Marcuse**. Carvalho, M. Teoria Crítica. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, p. 139-152, 2015.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NOBRE LOPES, F. M.; SILVA FILHO, A. L. Formação e Semiformação: Notas sobre a docência de Filosofia no nível médio. **Sofia**, Vitória (ES), v.6, n.3, p. 106-122, jul./dez. 2017.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. A Filosofia no ensino médio: uma disciplina necessária. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 81-93.

MARTINS, Marcos Francisco. Uma nova Filosofia para um novo ensino médio. . In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 94-111.

MARX, Karl. **Teses contra Feuerbach**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v.I. (Coleção Os Pensadores).

GALLO, S.; KOHAN, W. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 174-196.